

O Carnaval

Rafael Barrett

“

U

ma máscara, sobre outra” disse Shakespeare. É necessária uma dupla proteção para arriscar-se a ser sincero. O Carnaval é, principalmente, a festa da sinceridade. Durante alguns dias somos todos o mais franco que conseguimos, a ponto de cair no descaramento; falamos quase tudo o que pensamos; atrevemo-nos a parecer loucos, isto é, a parecer que somos; aliviarmo-nos de doze meses de hipocrisia. Privilégio admirável! É-nos permitido correr, cantar, gritar e rir à vontade, e a vestir-se como quiser. Suprime-se a rotina, a convenção correta, a metade das farsas sociais; cura-nos do terror mais vil, o terror do ridículo, congratulamo-nos com o grotesco, abre-se o ferrolho da fantasia, tornamo-nos espontâneos, improvisamos uma espécie de segunda inocência. É um momento de liberdade, um ensaio de uma vida melhor e futura; um relâmpago. Logo se retorna ao fundo cinza do velho costume. A alegria não é desse mundo. Somos bestas astutas; somos novamente hipócritas: defendamo-nos! Rejeitemos o júbilo: sejamos cautelosos em implementar as soluções de nossa razão. Ordem! Ordem! Não há nada tão anarquista como o bom senso.

“O ano todo é Carnaval”; um Carnaval triste e sórdido. Perante o mestre, o chefe, o juiz ou o instrumento de nossa ambição, fazemos a comédia da servidão e da intriga. Os mais fortes a fizeram: Bonaparte, o soberano vindouro de uma corte

cujos esplendor assombrou a Europa, fez a corte à amante de Barras. Fazemos o grande bloco dos “arrivistas”. E aqueles que alcançaram, sempre a caráter, mudam de careta. “Perdoe meu talento”, imploram-nos. É a farsa da modéstia, o medo da inveja. E o orgulho, ou seja, o valor daqueles que se negam a fingir, é o que sucumbe, não aos ruidosos golpes do destino, mas ao surdo roer do medíocre, à infecção dos homens microbicos. Examinai, diante do espelho, as dobras de nossa máscara de carne. Não é a velhice que abre as rugas do rosto; é o gesto variado e contínuo da mentira humana. Nem a idade e nem a dor são capazes já de tornar respeitável a efígie dos que vivem do ódio e do engano. O carnaval celebra as férias da fisionomia. Atrás da máscara, a face é devolvida ao verismo da solidão ou do sonho.

Máscara: escudo. Mascarados: descarados. O repugnante e o tímido se vingam: convertem-se no enigma que talvez atraia, no “muro atrás do qual está ocorrendo alguma coisa”. O leproso, se tiver imaginação, seduzirá a virgem. É o momento de ocultar o corpo para mostrar o espírito. É o instante da vingança, em que se murmura ao ouvido do próximo a piada mais terrível: a

verdade. É a época em que se triunfa e em que se estremece, em que os maridos descobrem sua desgraça e as feias confessam seu amor. O papelão não se ruboriza. Mulheres silenciosas e desprezadas, que não tendes outra beleza que a de seus olhos magníficos, outro tesouro do que dois diamantes encravados, sede efêmeras huris sob a máscara. Sede somente vossos olhos; somente os buracos sombrios onde desponta a alma nua... somente o mistério.

Assim o Carnaval, em sua fugaz e frenética agitação, faz emergir à superfície do mundo a realidade e o mistério, que nunca se desunem. É símbolo do carnaval da natureza, carnaval trágico, em que o fundo inacessível é coberto a cada século com um disfarce diferente. Ontem foi a ideia, foi a chama, foi o átomo, foi o capricho dos deuses irritados. Hoje é a sede infinita do número. Nossas mãos trêmulas se cansam de buscar. A Isis se esconde sob um véu que renasce sem trégua, e estremeçemos com a ideia de que nós tocamos os despojos de um Carnaval falecido, os restos de um festim esquecido, as cinzas de uma festa apagada. O Universo nos aparece como uma imensa máscara por cujos buracos negros olha a morte, e não contém mais do que o vazio.

Rafael Barrett (1876-1910) foi um anarquista espanhol radicado no Paraguai. É tido como um dos principais nomes na formação da literatura paraguaia. Texto originalmente publicado em *La Razón*, de Montevideo, no dia 24 de fevereiro de 1909. Traduzido para o português por Clayton Peron.

